



INICIATIVA  
INTER-RELIGIOSA PELAS  
**FLORESTAS TROPICAIS**  
IRI BRASIL

# RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS E O MEIO AMBIENTE

L Rayana Burgos | 2023



# Sumário

Religiões de Matrizes Africanas e o meio ambiente

1. Sobre a autora

2. Introdução

3. Metodologia

3.1 Sobre os entrevistados Mãe Verônica de Ogum

Pai Antônio de Xangô

Pai Mariano

Pai Tarcísio de Ogíyán

4. Porquê religião e meio ambiente

5. Terreiros, território e a crise climática

6. O perfil socioeconômico dos terreiros

7. A diversidade religiosa e o sincretismo

8. Detalhando as religiões

8.1 Umbanda

8.2 Candomblé

8.3 Tambor de Mina

9. Princípios e ensino sobre a interação e o cuidado com a natureza

9.1 As entidades

Jurema

Culto aos Orixás

Voduns

9.2 A relação com as ervas e com os animais

9.3 As oferendas

10. Exemplos de boas práticas

10.1 Encontros formativos nos terreiros sobre espiritualidade e meio ambiente

10.2 Palestras e parcerias com escolas e universidades

10.3 Projetos sobre ervas medicinais

10.4 Projetos sociais

11. Recomendações de atuação

## 1. Sobre a autora

Rayana Burgos [1] é Recifense, da Umbanda Juremeira e Cientista Política pela Universidade Federal de Pernambuco. Atua com pesquisa e políticas públicas com foco na relação entre juventude, gênero, raça e clima (justiça climática). É consultora na CLIMÁTICA, representante no *Youth Sounding Board* da União Europeia no Brasil e *Youth Climate Leaders Fellow*. Integra movimentos de religião e clima como o Fé no Clima, do Instituto de Estudos da Religião (ISER) e faz parte do Climate Parent Fellowship, onde lidera a Rede de Terreiros pelo Meio Ambiente, que mobiliza religiões de matrizes africanas e a juventude de terreiro pela ação climática.



## 2. Introdução

Este relatório propõe orientar uma discussão sobre os fundamentos teológicos do cuidado da criação pela ótica das tradições de matrizes africanas [2], a fim de subsidiar a implementação do Plano de Trabalho da Iniciativa Inter-religiosa Pelas Florestas Tropicais – IRI no Brasil. Devido à imensidão de tradições, rituais, símbolos e ensinamentos das religiões de matrizes africanas, é importante ressaltar que este documento não tem como objetivo esgotar as possibilidades do que é ser de terreiro [3]; mas, sobretudo, apresenta uma parte fundamental da vida espiritual e religiosa: aquela que se relaciona com o meio ambiente.

Para a elaboração desta pesquisa foram utilizadas duas metodologias prioritárias: análise documental e pesquisas bibliográficas e entrevistas semi-estruturadas com lideranças de diferentes vertentes de fé (Umbanda Juremeira, Umbanda Omelokô, Candomblé Nagô e Tambor de Mina Nagô Vodun). Com base nessas metodologias, o relatório inicia respondendo o porquê falar de religião e meio ambiente, seguido da contextualização da relação entre terreiros, território e a crise climática.

---

1 Para contato: [contatorayanaburgos@gmail.com](mailto:contatorayanaburgos@gmail.com) ou <https://br.linkedin.com/in/rayanaburgos>.

2 Para este relatório, será considerado o termo “ religiões de matrizes africanas” devido a variação de nações e países que deram origem a diferentes vertentes da Umbanda, do Candomblé e do Tambor de Mina.

3 Ao longo deste relatório, a palavra terreiro terá como sinônimo as nomenclaturas: casa, casa de axé e ilê.

Em seguida, é apresentado um panorama do perfil socioeconômico das comunidades de terreiro no Brasil, discutindo como o processo histórico do racismo e da marginalização das pessoas negras refletiu e ainda reflete no dia a dia da religião. Neste momento se encontra também a argumentação das lideranças que contam como essa experiência é vivenciada nos seus terreiros. Na seção seguinte se inicia a discussão sobre como a intolerância religiosa moldou o sincretismo religioso e como isso afetou/afeta a construção das religiões e a liberdade do credo.

Dando continuidade, são apresentados textos gerais sobre as diferentes religiões (Umbanda, Candomblé e Tambor de Mina) e são aprofundados os princípios e fundamentos religiosos sobre a interação delas com os cuidados com a natureza. Neste tópico, são destacados 3 princípios essenciais para as comunidades de matrizes africanas: quem são os encantados e qual é a relação entre os encantados e a natureza, qual é o papel das ervas e das plantas, e como devem ser feitas as oferendas.

Com base na discussão sobre estes pontos, é possível perceber que os povos de terreiro enfrentam 2 desafios diretos para a manutenção da fé: o avanço do desmatamento e a poluição. Por fim, são apresentadas recomendação de ações para engajar os povos de terreiro na ação climática.

### 3. Metodologia

Este relatório foi elaborado a partir da combinação de duas metodologias, sendo elas: pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas. Em linhas gerais, a pesquisa bibliográfica se baseia em uma coleta e análise documental sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre como religiões de matrizes africanas dialogam com o meio ambiente.

No entanto, por ser um tema pouco explorado e discutido pela academia brasileira, foi necessário realizar 4 entrevistas semi-estruturadas com lideranças religiosas a fim de complementar as informações relevantes para este trabalho, com o olhar profissional aprofundado de Pai Murilo de Iemanjá [4], Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com doutorado sanduíche proporcionado pelo PDSE/CAPES na Fundación Fernando Ortiz, em Havana, Cuba.

---

4 Murilo de Avelar Alchorne é doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), realizando doutorado

As entrevistas semi-estruturadas foram divididas em 3 blocos: sobre questões sociais, sobre a religião e sobre o meio ambiente, onde as lideranças religiosas entrevistadas tiveram a possibilidade de discorrer sobre os temas propostos. As perguntas sobre as questões sociais tinham por objetivo traçar o perfil social e econômico da liderança e do terreiro, buscando identificar idade, raça, gênero e classe social que prevalece na casa de axé; as perguntas sobre a religião mapearam a história das lideranças na religião, a história e origem da sua vertente de fé e os principais fundamentos teológicos e litúrgicos; e por fim, as questões sobre meio ambiente indagaram sobre quais aspectos litúrgicos se relacionam com o meio ambiente e quais são os maiores desafios que eles encontram para realizá-los. Abaixo, é possível encontrar uma minibiografia dos entrevistados.

### 3.1 Sobre os entrevistados

#### *Mãe Verônica de Ogum*

Mãe Verônica de Ogum é filha de pais católicos e nascida no Recife. Teve parte da sua trajetória na Igreja Batista e na Igreja católica. Aos 13 anos conheceu o Centro Espírita de Umbanda Caboclo Ubirajara do Sacerdote Clodoaldo, no centro da cidade do Recife, onde ficou até os 16 anos. Em seguida, conheceu o Terreiro de Umbanda da Cabocla Luana, de Mãe Carminha, em Olinda. Lá permaneceu até os 31 anos, e nessa época, a sua mãe de santo decidiu se afastar da Umbanda. Por isso, Mãe Verônica e sua tia de Santo, Mãe Antônia, fundaram o Terreiro de Umbanda Raio de Luz, onde Mãe Verônica liderava Umbanda e Mãe Antônia liderava os rituais do Candomblé e lá permaneceu até 2010. Depois, fundou a sua própria casa de Umbanda, o Terreiro de Umbanda Luz Divina, onde permanece até hoje.

Em paralelo, enquanto se dedicava à vida espiritual, também fez duas graduações, especializações e pós graduação. Tem se dedicado às causas sociais e ambientais, porque para ela, estes temas dialogam com a sua fé. Desde que entrou na Umbanda reafirma o compromisso da espiritualidade com a defesa da natureza. Fez parte do Comitê de Mulheres Negras Metropolitanas de Pernambuco e foi Conselheira da Igualdade Racial no Estado de Pernambuco. Atualmente, está como representante no Conselho de Segurança Alimentar do Estado de Pernambuco e Conselheira Religiosa na Rede de Articulação da Caminhada dos Terreiros de Pernambuco. É Doutora Honoris Causa pela faculdade FEBRAICA/OCB.

---

sanduíche proporcionado pelo PDSE/CAPES na Fundación Fernando Ortiz, em Havana, Cuba, com a tese "Salvando as correntes de Havana: catimbó, literatura e estrutura de sentimento", orientada pela Prof. Dr<sup>a</sup> Eliane Veras Soares. Possui graduação em Bacharelado em História e mestrado em sociologia também pela UFPE, com a dissertação "Catimbó na encruzilhada das raças: religião, psiquiatria, sociologia, cultura e raça no Recife dos anos 1930-1940". Além disso, é Sacerdote de Umbanda no Terreiro Luz Divina.

## *Pai Antônio de Xangô*

Pai Antônio de Xangô ou Babalorixá de Xangô é nascido na Ilha das Missões, no interior de Pernambuco. Foi iniciado na Jurema aos 13 anos na cidade de Cabrobó e teve como madrinha uma cacique [5] da aldeia de Cabrobó, que lhe ensinou rezas e benzimentos. Aos 29 anos foi iniciado no Candomblé e atualmente faz parte da tradição Umbanda Omolokô (uma tradição que reúne aspectos da Umbanda e do Candomblé). Chegou à região metropolitana do Recife pouco tempo depois e fundou o Ilê Axé de Xangô. Tem 47 anos de história na jurema e 32 anos de batismo em Orixá. Sua história é marcada pela agricultura e por um vasto conhecimento e manuseio de ervas.



## *Pai Mariano*

Pai Mariano é técnico em Radiologia pelo INEMA, Pesquisador pelo Nuruni: Núcleo de extensão e pesquisa com populações e comunidades em Gênero e Educação para Relações Étnico Racial no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Programa de pós-graduação em saúde e ambiente (UFMA). Formado em Pedagogia pela Faculdade São Judas Tadeu de São Luís, Educador Social. É Vodunsú Hunsúdahou do Ilê Ewê Omó d Òsányìn Amãhousú fundado em dezembro de 1999. Presidente da AKOFÁ – Associação Religiosa e Beneficente AKOFÁ e Membro da RENAFRO-Saúde. Atualmente está como Assessor Técnico na Secretaria de Saúde do Maranhão SES.

---

5 Devido a grande interação entre negros escravizados e indígenas brasileiros durante o período da escravidão, é comum perceber que muitos saberes sobre ervas e conhecimentos tradicionais do Brasil são comuns entre esses dois grupos. Dessa forma, as religiões de matrizes africanas acabaram por incorporar elementos indígenas em seus rituais - como exemplo a umbanda juremeira (explicada nas seções 8 e 9). Por isso, a relação entre povos indígenas, povos de terreiro e comunidades tradicionais é forte e reflete uma resistência da ancestralidade frente às injustiças e desigualdades sociais.

## *Pai Tarcísio de Ogíyán*

Pai Tarcísio de Ogíyán (Ogíyán tún jí) é filho da Sacerdotisa Mãe Elza de Yemojá Oguntê. e de um Sacerdote, pai Paulinho, o Bábá Ará Oşè. É neto de outra Sacerdotisa, Elza Dias, a Ìyá Adé Omi. Portanto, nasceu de berço de a şé e ciência. Iniciou sua formação litúrgica aos 9 anos, com o pai Adalberto de Oya b'Agan. Posteriormente, aos 12 anos de idade, seguiu a trajetória religiosa com o pai Paulo Brás, também de Yem oja Oguntê. Desde o início de tudo, teve uma presença marcada e marcante por duas mulheres que lhe inspiram, mãe Valéria de Ode, junto a mãe Márcia de Oya, além de sua mãe. Pai Tarcísio passou recentemente por momentos extremamente difíceis de saúde onde vislumbrou a possibilidade da morte. E, neste ponto, é extremamente grato aos ancestrais e ao seu Òrìşà, o pai Ogíyán O Kínní şoşó por levar a morte e a doença para bem longe. Atualmente é Sacerdote no Ilé Àşę Ègbé Awo (Comunidade três marias) de tradição Nagò È+gbá. É Conselheiro Religioso na Rede de Articulação da Caminhada dos Terreiros de Pernambuco e Doutor Honoris Causa pela Faculdade FEBRAICA/OCB.



#### 4. Porquê religião e meio ambiente

A mudança climática já é uma realidade e deve ser considerada o maior desafio do nosso século. A alta dependência de combustíveis fósseis, recortes de desmatamento e poluição criam um cenário de aquecimento global ameaçador para o planeta. Diante disso, os pesquisadores afirmaram que somos nós, os seres humanos, os responsáveis por aquecer o planeta além do limite planetário [6].

Com este aquecimento, os impactos ambientais serão diversos. Os ciclos dos fenômenos naturais serão afetados: as chuvas ficarão cada vez mais fortes e imprevisíveis em alguns lugares, enquanto outros precisarão enfrentar períodos de seca, por exemplo. O aquecimento dos oceanos irá afetar a vida dos corais, assim como o aumento do nível do mar impactará diretamente as cidades costeiras.

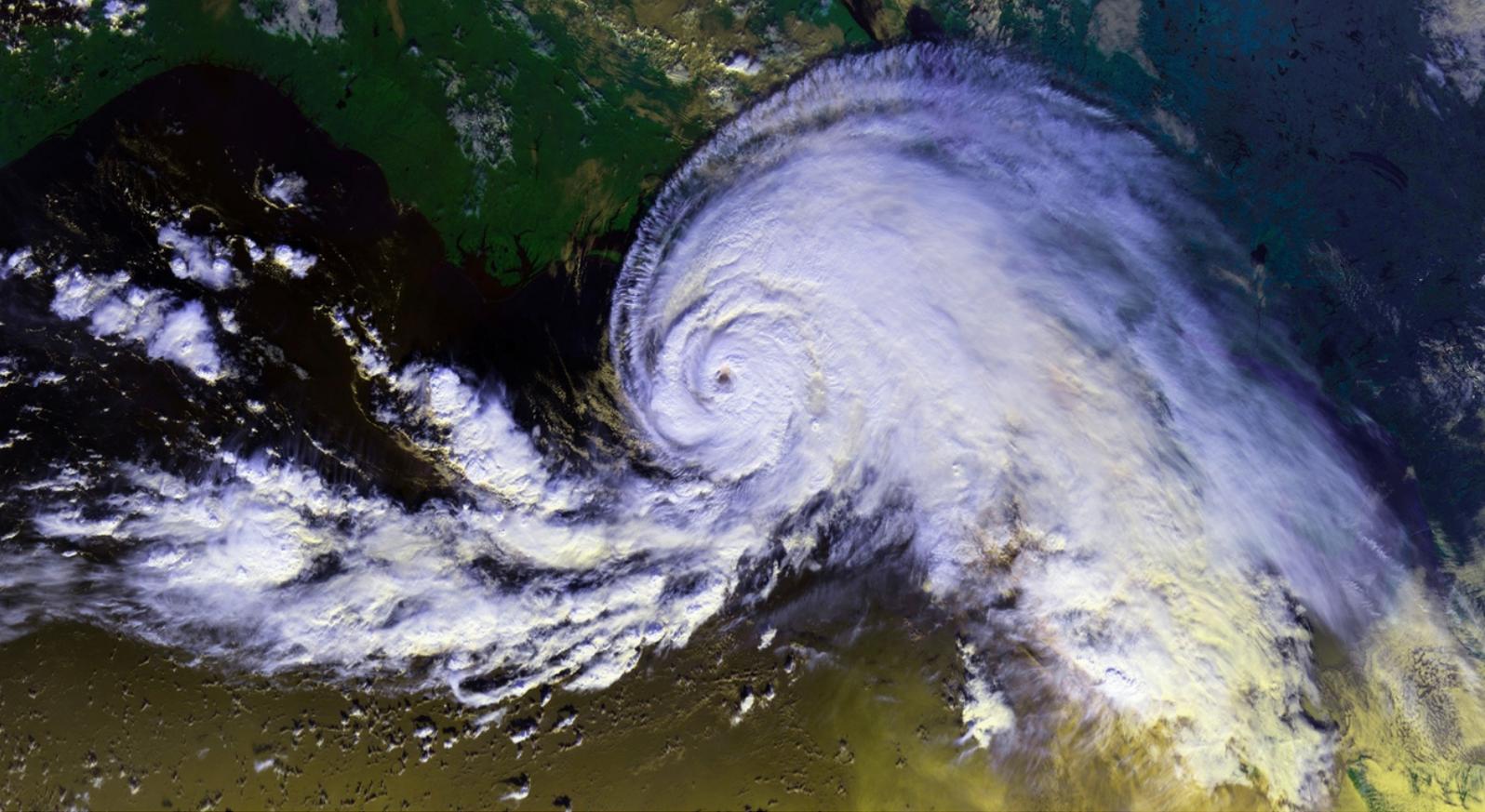
Por outro lado, a mudança do clima não afeta somente o meio ambiente. As pessoas também sentirão seus efeitos na mesma medida. Chuvas em excesso causam enchentes, que desabrigam milhares de pessoas; períodos de seca afetam a produção de alimentos, o que pode gerar insegurança alimentar; a alteração do clima é um agravante para a proliferação do vetor de transmissão das doenças, a exemplo do mosquito *Aedes aegypti* causador da dengue.

Diante disso, é possível perceber que muitas dimensões do cotidiano são colocadas em risco devido às alterações no clima. Moradia, saúde, alimentação são alguns dos temas mencionados, como grandes causadores e grandes áreas impactadas com as consequências da mudança do clima; porém, além deles, um importante aspecto social - e político- deve ser considerado: a religião. Dentro das comunidades de fé e das igrejas são construídos os hábitos e valores de inúmeras pessoas. Elas tendem a assumir uma identidade de grupo, um sentimento de pertencimento e compartilham entre si opiniões e preferências comuns. Isso pode ser percebido em mobilizações religiosas durante as eleições, por exemplo [7], quando em 2022 o voto das mulheres evangélicas eram considerados decisivos na corrida presidencial.

---

7 G1 (2022). Eleições 2022: a igreja evangélica que manda fiéis votarem nulo: 'Se não aceitarem, procurem outra'. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/26/eleicoes-2022-a-igreja-evangelica-que-manda-fieis-votarem-nulo-se-nao-aceitarem-procurem-outra.ghtml> .

6 Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) (2022). IPCC Sixth Assessment Report. Climate Change 2022: Mitigation of Climate Change. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg3/> .



Além disso, nestes espaços as pessoas aprendem o que é certo e errado e também se entende como o meio ambiente é refletido na religião. De alguma forma, toda religião se relaciona com a natureza - seja na crença do Deus Criador à louvação aos Orixás. E se a natureza é ameaçada pela crise climática, as diferentes expressões de fé também são.

Dentro da Igreja Católica, uma grande referência sobre a relação entre fé e meio ambiente se encontra na A encíclica<sup>8</sup> do Papa Francisco, Laudato Si', publicada em maio de 2015. Laudato Si' trata do cuidado com o meio ambiente e com todas as pessoas, bem como de questões mais amplas da relação entre Deus, os seres humanos e a Terra. Seu subtítulo, "Sobre o Cuidado da Casa Comum", reforça essa relação.

E para as religiões de matriz africana, a relação com o meio ambiente é direta. Os orixás são representados pela natureza, tendo os ventos, mar, rio, florestas, entre outros elementos, uma referência na força e sabedoria daquele encantado. Além disso, os ensinamentos e processos litúrgicos que envolvem a natureza são compartilhados de geração em geração, de modo que os ciclos naturais são entendidos através da percepção de que tudo retirado da natureza deve ser devolvido.

---

<sup>8</sup> Uma encíclica é uma carta pública do Papa que desenvolve a doutrina católica sobre um tópico, muitas vezes à luz de eventos atuais. A Laudato Si' é dirigida a "toda pessoa que habita este planeta". (LS 3) Por isso, é oferecida como parte de um diálogo contínuo entre a Igreja Católica e entre católicos e o mundo. Movimento Laudato Si'. O Melhor Resumo da Laudato Si. Disponível em: <https://laudatosimoviment.org/pt/news/o-melhor-resumo-da-laudato-si/>.

Deus, os seres humanos e a Terra. Seu subtítulo, “Sobre o Cuidado da Casa Comum”, reforça essa relação.

E para as religiões de matriz africana, a relação com o meio ambiente é direta. Os orixás são representados pela natureza, tendo os ventos, mar, rio, florestas, entre outros elementos, uma referência na força e sabedoria daquele encantado. Além disso, os ensinamentos e processos litúrgicos que envolvem a natureza são compartilhados de geração em geração, de modo que os ciclos naturais são entendidos através da percepção de que tudo retirado da natureza deve ser devolvido.

*“Os nossos ancestrais já tinham esse entendimento da necessidade do diálogo com a natureza. Tudo aquilo que era usufruído era devolvido numa proporção às vezes até maior do que aquilo que foi consumido. E a partir de um determinado momento, pra frente da humanidade, principalmente a partir do processo de industrialização do ser humano, o ser humano, basicamente, compreendeu-se alheio à natureza e aí, naturalmente, isso trouxe consequências que a própria ciência já está vendo aí o efeito estufa e todo esse processo.”*

*- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.*

Por isso, a perspectiva ambiental e climática deve caminhar lado a lado na manutenção da fé. Em um contexto de avanços do desmatamento do Brasil, é preciso destacar o ditado de origem Iorubá que afirma “sem folha não tem Orixá”. Para os entrevistados existe um entendimento de que pessoas, espécies animais e plantas serão afetadas como um todo.

*“Existe todo um complexo de indivíduos e biomas que são afetados pela mudança climática. E dentro de religiões de matriz africana a gente tem essa ótica de que as consequências que vão apenas me prejudicar. Elas vão prejudicar todo o complexo. O homem não vai ser extinto sozinho. Ele vai extinguir a vida como um todo. Algo que foi elaborado por Olodumaré (entenda-se Deus, Alá, Olorum e etc) vai ser extinto se nossa intervenção com a natureza for inadequada. O homem tem que pensar por si e pelos outros; por si e pelas diversas espécies que estão se extinguindo.”*

*- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.*

Assim, uma vez que se tem a compreensão de que a crise climática ameaça a vida das pessoas e da biodiversidade, é essencial olhar para a dimensão religiosa que também discute sobre esses temas. Já que toda religião dialoga com o meio ambiente e sabendo que este é um tema vital para povos de terreiro, a religião se torna uma ferramenta necessária para conscientizar e mobilizar as comunidades de fé em prol da defesa do meio ambiente.

## 5. Terreiros, território e a crise climática

Os terreiros têm influência direta de antigos ancestrais do continente Africano. Lá, a relação com o território não determinava somente onde você nasceu, mas sobretudo demonstrava uma relação com a espiritualidade e com os Orixás.

Os Orixás são considerados espíritos da natureza que, desde tempos imemoriais, são cultuados como divindades. Eles detêm o poder dos elementos naturais e os governam (Prandi, 2005). E o culto aos Orixás, ainda na África Ocidental, era marcado por uma relação profunda com o território, sendo cada Orixá ligado originalmente a uma cidade ou a um país inteiro.

Tinha-se, por exemplo, uma série de cultos regionais ou nacionais. Sàngó em Oyó, Yemoja na região de Egbá, Iyewa em Egbado, Ogún em Ekiti e Ondo, Òsun em Ilesa, Osogbo e Ijebu Ode, Erinlé em Ilobu, Lógunnède em Ilesa, Otin em Inisa, Osàálà-Obàtálá em Ifé, subdivididos em Osàlúfon em Ifan e Òságiyan em Ejigbo [9]. A figura abaixo apresenta o rio Ogun, que foi encontrado na Nigéria, e reforça a relação entre os Orixás e a região.

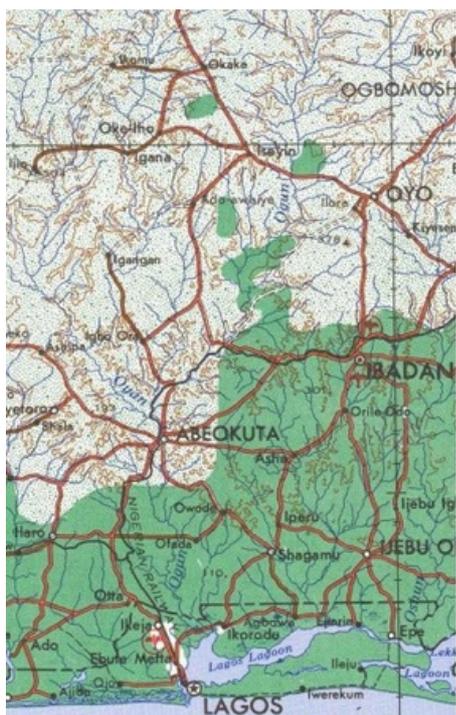


Figura 1 - Rio Ogun. Fonte: AZORLI (2014)

Assim, a interação da religião com o território é marcada pela associação do espaço com as divindades e apresenta forte influência na cultura. Esta interação é bem resumida por AZORLI (2012) [10], que explica:

*“Os povos iorubás, localizados na África Ocidental, cultuavam divindades denominadas Orixás. Através do exercício desse culto ancestral, foram estabelecendo relações territoriais entre estes povos e os espaços em que habitavam mediados pela religiosidade. [...] o conceito de território que não se restringe apenas a dimensão do real, material e concreto, mas na soma das relações sociais que se projetam no espaço que é construído historicamente.”*

<sup>9</sup> Geledés (2009). Candomblé Ketu. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/candomble-ketu/>

<sup>10</sup> AZORLI, Diego Fernando Rodrigues. Mapa dos orixás: uma análise da desterritorialização e reterritorialização dos orixás da África Ocidental para o Brasil. 2014. 68 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Câmpus Experimental de Ourinhos, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/156141>>.

Ao chegar no Brasil como escravizados, a relação com o território e com o culto aos Orixás foram alteradas. Os diferentes povos do continente africano precisaram enfrentar o contexto sociopolítico opressor e se adaptar ao novo território em que começaram a ocupar. Com a mudança de país, não existia mais uma relação direta do território com a religião, e com isso, uma parte fundamental da manifestação da fé foi atingida.

Depois de séculos de escravidão, em 1888, a conhecida Lei Áurea, sancionada pela Princesa Isabel, aboliu a escravidão no Brasil. No entanto, esta lei não criou mecanismos para garantir que os negros que saíram da condição de escravo se tornassem cidadãos com direito à terra, à vida digna e com trabalho reconhecido. Além disso, a lei aboliu no papel a escravidão, mas não eliminou o racismo e a perseguição religiosa do Brasil.

Com o desenvolvimento das cidades brasileiras após a abolição, os espaços do centro das cidades passaram a possuir cor e classe social. Os bairros centrais passaram a ter valores altíssimos, em contrapartida com os bairros periféricos que eram ocupados ilegalmente [11]. Os negros, ainda descendentes de ex-escravizados trabalhavam com baixas remunerações, o que levava-os a viver em periferias e espaços afastados dos grandes centros urbanos. Por isso, viviam com pouca ou nenhuma qualidade de vida para conseguir sobreviver e iniciar uma nova fase social e política.



Fonte: [alamyimages.fr](http://alamyimages.fr)

“Lojas, porões, cortiços, barracos construídos na periferia da cidade passam então a ser alternativas encontradas pelo escravo para construir um espaço de vida para si, independente do controle do senhor. [...] Além disto, o ganho ensejava ao cativo a possibilidade de gerir seu próprio tempo e seu ritmo de trabalho, permitindo também o reagrupamento daqueles que possuíam as mesmas origens étnicas e culturais.” (GOMES, 1990, p.10) [12]

11 COSTA e AZEVEDO (2016). Das Senzalas às Favelas: Por onde vive a população negra brasileira. Disponível em: [https://www.fvjbr/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando\\_2016\\_12.pdf](https://www.fvjbr/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando_2016_12.pdf). Socializando · ISSN 2358-5161 · ano 3 · n°1 · Jul · p. 145-154 · 2016.

12 GOMES, Marcos Aurélio A. de Figueiras. Escravidão e cidade: notas sobre a ocupação da periferia de Salvador no século XIX. Revista de Urbanismo e Arquitetura, América do Norte, 3, set. 1990. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3102/2220>.



Um exemplo da ocupação periférica é o Morro da Providência, situado na Região Portuária do Rio de Janeiro, que é considerado a primeira favela do Rio de Janeiro. A sua ocupação tem como justificativa dois fatores históricos: o fluxo migratório de ex-escravos com a abolição da escravatura em 1888 e o grande número de soldados da Guerra de Canudos que desembarcaram no Rio e não tinham moradia [13]. Esse contexto de interação das questões de raça com território marcou o processo de construção das cidades brasileiras e deixou a população negra em situação de vulnerabilidade social. Isso pode ser percebido ainda hoje, quando 7 a cada 10 pessoas que moram em locais irregulares no Brasil são pessoas pretas ou pardas [14].

E ao ocupar esses espaços periféricos, os negros levaram consigo a sua religiosidade, ainda rejeitada e perseguida pela maioria branca e católica. Nos novos bairros criados na periferia, a condição de vida era precária e a interação com o meio ambiente não era saudável. Muitos destes espaços ficam longe de elementos da natureza que são fundamentais para a manutenção das religiões de matrizes africanas, como rios, mar e florestas.

Além disso, por muito tempo os terreiros foram majoritariamente um espaço de pessoas negras e pobres, e se mantinham discretos dentro dos bairros para evitar a repressão. Mesmo assim, a violência é um fardo que acompanha historicamente as religiões de matriz africana. Em 2022, por exemplo, o Brasil registrou três queixas de intolerância religiosa por dia, sendo São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais os estados com as maiores taxas de denúncias [15].

---

14 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2019): Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2020/11/Indicadoresociais-IBGE.pdf>.

15 G1 (2022). O Brasil registra três queixas de intolerância religiosa por dia em 2022; o total já chega a 545 no país. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/brasil-registra-tres-queixas-de-intolerancia-religiosa-por-dia-em-2022-total-ja-chega-a-545-no-pais.ghtml>.

Dessa forma, pobreza, perseguição, desamparo social, baixa interação com áreas verdes e baixa qualidade de vida são pontos marcantes na vida da população negra e de terreiro. Por isso, eles são os mais vulneráveis à mudança do clima. De modo geral, quem está em situação de vulnerabilidade social sempre vai ser mais afetado pelas mudanças climáticas e pelos eventos extremos. Condições relacionadas a gênero, raça, classe e territórios desempenham um papel importante na capacidade de enfrentar crises e os efeitos delas decorrentes (SANTOS e BURGOS, 2022)<sup>16</sup>. Esses fatores afetam sua capacidade de resiliência e de obter acesso a serviços básicos, como educação, saúde e renda e outros recursos sociais e econômicos (UNEP, 2020).

Diante disso, olhar para o contexto social da religião é uma oportunidade para reduzir as desigualdades estruturais ao mesmo tempo em que fortalece a luta pela justiça climática. Este conceito ressalta a importância da luta e garantia dos direitos humanos diante o enfrentamento à mudança do clima, e mostra que os grupos que menos contribuem para as alterações climáticas, são os que mais sofrem com os impactos delas [17].

E no cenário atual, a população que sofre com as injustiças climáticas e com os fenômenos naturais extremos é a mesma que sofre com o racismo ambiental [18]. Ou seja, as comunidades de minorias étnicas são sistematicamente submetidas a situações de degradação ambiental e são diretamente ameaçadas por elas.

Nesse sentido, é possível perceber que em África as comunidades religiosas tinham acesso ao meio ambiente e podiam realizar seus rituais. Ao chegar no Brasil, o contexto não permite que essa relação aconteça e empurra os escravizados e suas religiões para a periferia. Neste lugar periférico, existe pouca ou nenhuma qualidade, segurança de vida e interação com o meio ambiente, o que torna os povos de terreiro vulneráveis à mudança do clima. Assim, avaliar o contexto social no qual a religião está inserida é um passo para compreender a necessidade de fortalecer a resiliência dos povos de terreiro diante da crise climática e buscar a redução das desigualdades sociais estruturais.

---

16 SANTOS, Priscilla; BURGOS, Rayana. Abordagens sociais e de gênero para uma economia circular inclusiva. In: PEREIRA, Christiane; FRICKE, Klaus (coord.). Cooperação Intersetorial e Inovação: ferramentas para a gestão sustentável de resíduos sólidos. Braunschweig: Technische Universität Braunschweig, 2022.

17 Carbon Brief (2021). In-depth Q&A: What is 'climate justice'? - Carbon Brief Disponível em: <https://www.carbonbrief.org/in-depth-qa-what-is-climate-justice/> .

18 Jornal da Universidade de São Paulo (2021). Racismo ambiental é uma realidade que atinge populações vulnerabilizadas. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/racismo-ambiental-e-uma-realidade-que-atinge-populacoes-vulnerabilizadas/>.

## 6. O perfil socioeconômico dos terreiros

Nesta seção, o objetivo é apresentar um perfil socioeconômico dos terreiros com base nos dados oficiais e complementá-los com as entrevistas. Pesquisas recentes apontam informações relevantes sobre o perfil das religiões e discutem como elas dialogam com questões de gênero, raça e classe. De acordo com a pesquisa DataFolha (2019) [19], a maior parte da população se concentra dividida em 2 grandes grupos religiosos: 50% católicos e 31% evangélicos [20]. Porém, comparado ao censo de 2010, o número de praticantes de alguma religião de matriz africana aumentou, saindo de 0,31% para 2% da população. Ainda que seja um avanço, é possível que este número seja uma sub-representação da realidade, uma vez que praticantes de religiões com descendência africana pouco assumem sua vertente de fé a fim de evitar perseguição, intolerância e racismo religioso [21].

Dentro do percentual de 2%, a maioria é feminina (61%), negra (58%) [22] e tem renda de até 2 salário mínimos (34%). Assim, é possível perceber que o perfil socioeconômico das populações de terreiro ainda é reflexo do processo histórico da escravidão e do racismo, que tem como maioria de praticantes pessoas negras e pobres.

Durante a elaboração deste relatório, algumas perguntas foram feitas às lideranças com o objetivo de ampliar o entendimento do contexto que aquelas pessoas estavam inseridas. Alguns questionamentos foram feitos para mapear qual era a predominância da raça, classe e do sexo dos filhos de santo e dos frequentadores e visitantes do terreiro. Como as entrevistas configuram uma abordagem qualitativa, não se pode fazer grandes generalizações estatísticas, porém os achados confirmam esse perfil apontado anteriormente pela pesquisa.

Quando questionados sobre a raça/cor, os entrevistados mencionaram que não é possível inserir seu terreiro em uma definição única, devido a ampla miscigenação - reflexo do processo de construção da identidade brasileira. E o único Pai de Santo que afirmou que conseguiu apontar a predominância, mencionou que a maioria da sua casa é negra.

---

19 Datafolha (2019). Datafolha: 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/datafolha-50-dos-brasileiros-sao-catolicos-31-evangelicos-10-nao-tem-religiao-24186952.html>.

20 Religião e Poder (2021). As Religiões no Brasil. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religioes-no-brasil/>.

“Quando a gente fala de Candomblé e quando a gente fala de Brasil, de brasileiro, a gente está falando de miscigenação. E a gente vai ter na verdade um resultado de miscigenação interessante aqui nessa casa. Eu não teria como definir para você uma maioria, porque se tem algo que é maioria aqui, é muito mais a questão de gênero do que a questão de raça. A gente tem uma maioria feminina na casa, mas quando eu vou enumerar a raça das pessoas na casa, a gente vai ter desde indígena, a ciganos e pessoas pretas e pardas.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

*“A maioria é negra. Se quiser contar, só deve ter um ou dois brancos”*

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

As questões que envolviam a classe social obtiveram respostas similares, e destacaram a função social que o terreiro cumpre de acolher diferentes pessoas em situação de vulnerabilidade e oferecer a elas ajuda quando necessário.

“Sobre a classe fica mais fácil responder, até porque esse é um recorte que cabe ao povo de Candomblé e ao povo de terreiro. Nós somos agregadores e como agregadores a gente abre espaço principalmente para as populações mais inseguras e em situação de mais vulnerabilidade. E por isso uma boa maioria da classe D e E, e uma pequena parte da classe C.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

“A gente precisa fazer trabalho social no terreiro para ajudar as pessoas mais pobres, para garantir a alimentação da comunidade. A maioria do terreiro é negra, tem uns com ensino superior e estão na classe média, mas muitos ainda precisam da nossa ajuda. Nosso terreiro é uma casa que abraça as pessoas independente da cor, religião, raça, etnia. Se a pessoa precisa, a gente abraça tudo e todos.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Além do recorte da classe social e da raça dos frequentadores e dos filhos de santo, é interessante destacar o perfil dos visitantes. Pela visão dos entrevistados, uma maioria branca e de classes B e A são as que mais buscam ajuda pontualmente, mas não criam vínculo com a religião.

---

21 Mapeamentos além das fontes oficiais são realizados por organizações da sociedade civil e da academia brasileira e podem ser encontrados no projeto “Mapeando Axé”. Disponível em: <https://www.mapeandoaxe.org.br/cd/paginas/inicio.htm>.

22 Note que a classificação de pessoas negras é baseada na soma do percentual de pessoas pardas (38%) e pretas (20%).

Quando uma pessoa de classe B e A vai adentrar o terreiro, diz especificamente a nossa experiência, que ela vai chegar enquanto cliente e visitante. Uma pessoa que pontualmente vai buscar algo que pra ela é interessante naquele determinado momento e posteriormente fica apenas como alguém conhecido.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

## 7. A diversidade religiosa e o sincretismo

As religiões de matriz africana são variadas no Brasil devido a ampla interação entre povos de diferentes lugares da África durante a escravidão. Cada povo originário de país diferente trouxe consigo seus rituais, ritmos e tradições e precisaram se adaptar quando chegaram ao Brasil, devido a forte violência e repressão do período. Para manter sua fé, os escravizados encontraram formas de fundir a sua crença com o catolicismo, por meio do sincretismo religioso. As semelhanças estruturais entre a forma de culto do catolicismo popular e das religiões de origem africana e indígena (devoção aos santos e deuses) possibilitaram o sincretismo e a síntese da qual se originaram as religiões afro brasileiras [23].



O sincretismo pode ocorrer de modo espontâneo, quando há o contato e se desenvolve um convívio entre grupos distintos, de modo que surgem "adaptações" nos vários aspectos culturais, fazendo com que um grupo "absorva" o sistema de crenças do outro. [24] No entanto, para os negros africanos, o sincretismo representava um símbolo de resistência necessário para driblar o sistema imposto na época.

Nesse contexto, o culto às divindades precisou ser adaptado, uma vez que, negados de sua liberdade de credo e expressão, os negros não podiam realizar rituais tradicionais do seu território. Aos poucos os negros passaram a participar das procissões que percorriam as ruas das cidades, porém incorporaram a estas cerimônias seu modo de ser, marcado pela alegria, música, dança e utilização de instrumentos de percussão. Assim a fé dos negros nos deuses de sua religião original esteve disfarçada nas danças e cantos que eles faziam em louvor aos santos católicosm [25].

"A música é a língua materna de Deus. Foi isso que nem católicos nem protestantes entenderam: que em África os deuses dançam. E todos cometeram o mesmo erro: proibiram os tambores. Na verdade, se não nos deixassem tocar os batusques, nós, os pretos, faríamos do corpo um tambor. Ou mais grave ainda: percutiríamos com os pés sobre a superfície da terra e, assim, abrir-se-iam brechas no mundo inteiro"

- Mia Couto

"Cada um religioso, cada um, cada um tipo de religião, tem sua maneira de vir e fazer seu culto. Terreiro não é como o catolicismo que tem uma novena, uma reza e a missa. O espiritismo tem a forma dele. O Evangélico tem a forma da oração dele também. E nós temos uma forma de cantar, dançar. A gente canta pra nascer, a gente canta pra criança crescer, canta no batizado, canta para viver, pra casar e até para morrer. A hora do sepultamento do Babalorixá, uma Yalorixá é muito bonita. A gente não vai ficar lá chorando. a gente vai cantar, tocar o agbe e chamar o orixá pra levar aquela a alma."

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.



<http://psymballein.blogspot.com/2018/01/el-sincretismo-religioso-en-brasil-por.html>

---

23 GOMES, DANTAS e CATÃO (2008). Plantas Medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona leste da cidade de Campina Grande-PB. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepfhf/contents/documentos/artigos/fitoterapia/plantas-medicinais-sua-utilizacao-nos-terreiros-de-umbanda-e-candomble-na-zona-leste-da-cidade-de-campina-grande-pb.pdf>

24 Significados (sd). Sincretismo. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sincretismo/>

25 GOMES, DANTAS E CATÃO (2008). Plantas Medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona leste da cidade de Campina Grande-PB. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepfhf/contents/documentos/artigos/fitoterapia/plantas-medicinais-sua-utilizacao-nos-terreiros-de-umbanda-e-candomble-na-zona-leste-da-cidade-de-campina-grande-pb.pdf>

Dessa maneira, muitos Orixás foram identificados com os santos católicos: Oxalá, pai dos Orixás, foi identificado com Nosso Senhor do Bonfim; Xangô, protetor contra os trovões e tempestades, passou a ser identificado com São João; Ogum é São Jorge; Iemanjá é Nossa Senhora da Conceição. Entretanto, nos dias de hoje, observa-se a tentativa de retomar as tradições africanas, afastando os elementos católicos de seus rituais.

Embora as religiões trazidas pelos negros tenham acumulados muitos elementos da igreja católica, existiu também uma interação com povos e comunidades indígenas, povos ciganos e outras próprias religiões trazidas da África. É importante destacar que o continente Africano é marcado por uma ampla diversidade cultural e religiosa, e por isso, as vivências de fé variam de acordo com a região. É possível encontrar cultos aos Voduns, cultos da mitologia Bantus (Angola, Congo e Compostos), a religião Iorubá (Nagô e Compostos), rituais sudaneses-jeje (daomeanos) e tantas outras tradições que vieram ao Brasil.

Dessa forma, as constantes trocas entre os povos resultaram na inserção de novos elementos aos cultos tradicionais da África. E mesmo que tenham a mesma origem no Continente Africano, as religiões hoje apresentam uma vivência muito particular por causa da influência do sincretismo com outras vertentes e do contexto brasileiro.

## 8. Detalhando as religiões

Os povos africanos trouxeram consigo cultos tradicionais que foram alterados ao longo do tempo devido a interação com outros povos, sejam eles de diferentes regiões da África, da Europa ou das Américas. Neste sentido, para este relatório e com base nas entrevistas, serão exploradas as vertentes de religiões afro-brasileiras [26], sendo elas: Umbanda Juremeira, Umbanda Omolokô, Candomblé Nagô, e Tambor de Mina Nagô Vodun.

As visões dos pais e da mãe de santo são complementares entre si, mas destacam também as particularidades de cada vertente, considerando o sincretismo e os cultos tradicionais que se mantêm. A seguir são apresentados resumos sobre a religião, processos litúrgicos e as principais divindades envolvidas.

---

26 A quimbanda pode ser entendida como uma vertente ou linha de trabalho de religiões afro-brasileiras.



## 8.1 Umbanda

A Umbanda é uma religião brasileira resultante da mistura de elementos de religiões africanas, indígenas, orientais e europeias [27] (catolicismo e espiritismo kardecista). Por seu aspecto mestiço e sincrético, a Umbanda é considerada uma religião genuinamente nacional ou “afrobrasileira”. A palavra “Umbanda” pertence ao vocabulário quimbundo, de Angola, e quer dizer “arte de curar” e a religião tem como lema “a caridade, humildade, amor”.

Existe uma história amplamente difundida que a Umbanda foi fundada em 1908, quando Zélio Fernandino de Moraes [28], nascido em São Gonçalo/RJ, teria [ incorporado o Caboclo das Sete Encruzilhadas e este espírito o teria ajudado a criar a religião de Umbanda. Apesar de ser uma história famosa, algumas lideranças não acreditam que a Umbanda só “surgiu” neste momento. Esse pode ser sim um marco na luta, propagação e codificação do nome “Umbanda”, mas não é a sua fundação.

Os primeiros negros escravizados chegaram no Brasil por volta de 1500, e desde esse momento que foi necessário adaptar os rituais, culturas e saberes africanos para a realidade duramente imposta pelos europeus.

---

27 Exemplos de elementos indígenas: cocares, arco, flechas. Exemplos de elementos orientais: devoção aos ciganos e orientais, utilização de incensos, pedras e pandeiros. Exemplos de elementos africanos: vestimentas, línguas tradicionais de África, devoção aos Orixás. Exemplos de elementos europeus: utilização de imagens de santos católicos e orações cristãs.

28 Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (sd). Histórias e Documentos: Zélio Fernandino de Moraes. Disponível em: <https://www.tensp.org/blank>.

Por não poder cultuar aos orixás, os negros precisaram buscar elementos na fé cristã para manter a sua fé em dia. Assim surgiu o sincretismo religioso. Por isso muito se fala que Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Navegantes são representações de Iemanjá, já que as 3 falam sobre proteção e sobre o mar.

E também, além dos elementos cristãos, muitos negros, para manter sua resistência e a sobrevivência quando fugiam das senzalas, se uniram a povos indígenas e incorporaram na prática da fé, elementos e referências aos caboclos, índios e saberes de ervas locais. Na Umbanda é comum encontrar saudações à Oxalá/Orixalá, e também a Tupã, o deus maior da fé indígena e do povo tupi-guarani. Por isso, apesar de Zélio de Moraes ter difundido o nome “Umbanda”, muitas lideranças defendem que a religião já existia, uma vez que as práticas religiosas dos negros escravizados já estavam presentes no cotidiano do Brasil.

Uma vez que a Umbanda nasceu da mistura de saberes e ritos de diferentes origens religiosas, e que não existe na religião um livro com todas as doutrinas e fundamentos, assim como existe a Bíblia para os Cristãos, é possível perceber que ela não seja igual em todo o Brasil. Assim, a vertente vivenciada por Mãe Verônica de Ogum é a Umbanda Juremeira [29], que também se encontra no terreiro do Pai Antônio, que segue a Umbanda Omolokô.





Além dos cultos aos orixás de África e da manutenção do sincretismo com a igreja católica, a Umbanda no nordeste tem um traço forte com rituais originariamente indígenas, a jurema sagrada. Em resumo, a jurema sagrada, ou jurema nordestina, ou “catimbó” é uma religião indígena, que por meio de cantos, danças, infusões, cachimbos e dizeres sagrados, os índios se colocavam em contato com seus antepassados e com outros seres do plano espiritual.

“A Jurema é a natureza, é mato, é folha, é raiz, é a casca. É ciência também, porque é acima de tudo isso, é respeito pelo meio ambiente, é respeito pela natureza. Aquilo que nós cultuamos, que é o sagrado, é o nosso sagrado.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

A pouca documentação histórica que relata as práticas religiosas dos povos indígenas do Nordeste deixaram uma lacuna difícil de ser preenchida na história do Brasil. Por outro lado, a permanência da forma de ser indígena na língua, comida, imaginário e religiosidade, comprova o que os documentos não registraram — afinal eram escritos pelos colonizadores opressores brancos: o terreiro de jurema é o maior livro oral acerca da cultura indígena e, de certo modo, africana [30].

---

29 É Umbanda Juremeira porque tem devoção aos Orixás da África e também tem o culto da Jurema Sagrada.

30 Revista Senso (2017). A Jurema Sagrada – Resiliente religião de matriz indígena do Nordeste do Brasil. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/jurema/jurema-sagrada-resiliente-religiao-de-matriz-indigena-nordeste-brasil/>.

A religião teve esse nome vindo da planta jurema, uma árvore da caatinga e do agreste que tem sua casca utilizada para a fabricação de uma bebida “mágica” que concede força, sabedoria e contato com seres do mundo espiritual. Por ser da umbanda juremeira, essa bebida é comumente utilizada nos encontros.

## 8.2 Candomblé

O Candomblé é uma religião de matriz africana que cultua os Orixás. O termo Candomblé vem da junção das palavras Quimbundo Candombe (dança com atabaques) + iorubá ilê (casa), que significa casa da dança com atabaques.

Como negros de diferentes regiões da África chegaram ao Brasil, a palavra Candomblé passou a ser usada também para definir a origem de cada grupo, conforme a seguir: Candomblé da Nação Ketu, Candomblé da Nação Jeje, Candomblé da Nação Angola, Candomblé da Nação Congo, Candomblé Xambá, Candomblé da Nação Muxicongo.



“O Candomblé em Pernambuco ficou muito conhecido como ‘Xangô do Recife’ e tem forte relação com o Candomblé nagô. Mas quando você está falando na terminologia nagô, você está regionalizando sua origem, mas dentro da regionalização tem diferentes formas de agir. É o mesmo que você está dizendo assim ‘eu sou nordestino’ mas sim, você é nordestino de que estado? O nordeste não é uma coisa só, o Candomblé também não.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

“E a gente precisa pensar no Candomblé a partir dessas duas óticas distintas que dialogam. O Candomblé e a jurema foram resultantes do processo da escravidão. As duas vertentes são resultantes dos processos que colocaram os povos para a

periferia.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Porém, com a grande miscigenação entre os povos, o termo Candomblé se tornou algo genérico, que cabe tanto para o Candomblé de culto ao Orixá tradicional da África, quanto para o Candomblé da Jurema, que mistura elementos tradicionais do Brasil.

“Quando a gente fala do nome Candomblé, é um termo genérico que ele vai caber tanto para o Candomblé de Jurema quanto para o Candomblé de orixá. Para facilitar a explicação durante a conversa eu estou separando isso, como se o Candomblé fosse apenas as vertentes descendentes de Orixá e a Jurema fosse outra. Mas aqui em Pernambuco é muito comum em sua maioria as casas elas terem essas duas pertenças religiosas. E por que eu falo assim? Porque assim são duas pertenças distintas que dialogam entre si, inseridas no mesmo espaço físico.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

“Mas dentro das liturgias a gente é sempre nas duas pertenças religiosas (candomblé e jurema). A gente tenta reproduzir as experiências que esses ancestrais tinham e a vivência harmoniosa com a natureza é obrigatória no processo iniciático em ambas.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.



Apesar de muitos terreiros do Brasil terem traços comuns do culto aos Orixás e à Jurema Sagrada, a diferença entre eles pode ser percebida a partir de pilares fundamentais: a língua utilizada nos rituais, a forma como são realizados os rituais e principalmente, pela nação que fundou aquele terreiro. A característica mais marcante do Candomblé é que cada nação reproduz a cultura dos seus povos originários, seja utilizando dialetos específicos, como Iorubá, seja mantendo os rituais e oferendas o mais próximo possível do que acontecia na África.

Portanto, para melhorar a compreensão de como se dão as formações dos terreiros e como se realizam os rituais e o culto às divindades, sejam elas orixás ou voduns, é preciso mergulhar na história daquele terreiro que está em diálogo com a IRI - Brasil. Quem foi o povo que fundou a casa? De onde eram os escravizados? Qual é o Orixá da Mãe ou do Pai de Santo? Todas essas são perguntas norteadoras que facilitam o entendimento do dia a dia daquela casa de axé.

### 8.3 Tambor de Mina

Além do culto dos orixás da Umbanda e do Candomblé, é preciso destacar também o papel do culto aos voduns feito pelo Tambor de Mina, como símbolo de resistência dos escravizados no Maranhão. O Tambor de Mina é uma manifestação popular da religiosidade afro-maranhense que se estende também pela região norte do país. Nos rituais são utilizados instrumentos como tambores, cabaças, triângulos e agogôs.

“O Tambor de Mina é uma religião e também uma atividade cultural, presente não só no Maranhão, mas em outros estados como Pará e Amazonas, tem sua origem na matriz africana, deixada por negros que foram trazidos para trabalhar no Brasil como mão de obra escrava (FERRETTI, 1996)

Segundo Pai Mariano, o seu terreiro é Tambor de Mina Nagô Vodun; sendo Nagô pela devoção aos orixás da cultura Iorubá, e Vodun pela devoção aos Voduns da cultura Jeje. É curioso destacar que a Casa das Minas Jeje teve sua origem como consequência do tráfico de uma rainha do Daomé, a rainha Agontimé, que foi escravizada após uma disputa familiar.

Alguns pesquisadores sugerem que ela nunca foi achada, enquanto outros apontam sua presença no Brasil, utilizando o nome de Maria Jesuína. Ela teria vivido no Maranhão e exerceu forte influência na cultura e religiosidade do local [31]. Fato este narrado por Oliveira (1989 apud FERRETTI, 2001, p. 76-77) [32]:

“No Maranhão, três casas construíram sua identidade tomando especialmente como referência uma “nação africana”: a Casa das Minas Jeje, a Casa de Nagô e a Casa Fanti-Ashanti. De acordo com a tradição oral, as duas primeiras foram fundadas bem antes da promulgação da “Lei Áurea” (em 1888), que aboliu a escravidão no Brasil, e teriam quase a mesma idade: a Casa das Minas, por Maria Jesuína, dahomeana que teria entrado no Maranhão como contrabando; e a Casa de Nagô, por duas africanas: Josefa (nagô) e Joana (cambinda ou “agrôno”) que, segundo alguns, era de Angola. A Casa Fanti-Ashanti foi aberta com o nome de ‘Tenda de São Jorge Jardim de Oeira’ em 1958, por Euclides Ferreira, ligado ao Terreiro do Egito, matriz da Mina fanti- ashanti (já desaparecido) [...]”

O Sacerdote Pai Mariano é descendente do Terreiro do Egito, o único terreiro da época em que homens podiam dançar. Durante muitos anos, as religiões de matrizes africanas eram matriarcais, ou seja, as mulheres tinham os maiores cargos e eram as únicas que podiam dançar para o santo. Os homens tinham papel como músicos (ogans), podiam incorporar e apoiar nas oferendas, mas não podiam fundar outros terreiros. Com o passar dos anos, surgiu a necessidade de permitir que os homens pudessem ocupar esse espaço de liderança nos terreiros e o primeiro terreiro maranhense a abrir este espaço foi o Terreiro do Egito.

Para Pai Mariano, o aspecto mais fácil de identificar as diferenças entre os terreiros é através das vestimentas que são utilizadas nos rituais.

“Dentro do Tambor de Mina no Maranhão, na vertente nagô-vodun, os voduns não paramentam. Se você ver um Orixá como Xangô no Candomblé, você não o reconhece no tambor de Mina porque a gente não paramenta a entidade como o conhecido e com vestimentas características. Se for um Orixá homem, ele vai ter uma toalha no peito. Se for Orixá mulher, a toalha fica na cintura. Mesmo que tenham o mesmo nome, são tratados de forma diferente. Além disso, no Candomblé o Orixá não fala, mas no Tambor de Mina ele pode se aproximar de você e dar conselhos”

---

31 Nexo Jornal (2021). A Rainha-mãe africana que foi enviada ao Brasil: Agontimé. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2021/11/19/A-rainha-m%C3%A3e-africana-que-foi-enviada-ao-Brasil-Agontim%C3%A9>.

32 SÁ, GOMES e MORAES (2020). O tambor de mina como resgate de integração, socialização e inclusão social na comunidade quilombola São Sebastião dos Pretos em Bacabal, AM. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/145023#:~:text=O%20Tambor%20de%20mesa%20%C3%A9,de%20gera%C3%A7%C3%A3o%20em%20gera%C3%A7%C3%A3o%20como>.

E no Maranhão, os cultos indígenas também foram agregados ao culto de Vodun e Orixá por meio da pajelança, um ritual de penacho e maracá que tem muita aproximação com água doce e com o mangue.

“A lama é o sangue fundamental, porque a gente também faz algumas ritualísticas para o povo de matriz africana e para o povo da pajelança no mangue e na água doce. Então a gente pensa nessa questão da preservação desse mangue como berço do renascimento, porque para nós, o mangue é o local de reprodução de muitas espécies e então ele precisa ser preservado”

A Pajelança é descrita por ele como um ritual onde o pai ou a mãe de santo incorpora em uma noite várias entidades que são encantadas e representam segmentos da natureza. E na pajelança os encantados são conhecidos como “doutores do corpo e da alma” que cultuam uso de folhas e defesa da natureza nas suas atividades espirituais. Ao mesmo tempo, ele também pontua que este é um ritual mais ligado aos povos indígenas, então os terreiros que tem pajelança é porque a maior parte dos pais ou mães de santo são pajés.

“Primeiro existe o momento que passam encantados que são moradores do mangue. Então quando ele chega, eles cantam as doutrinas (que pode ser chamado de ponto) e podem dizer como ele se encantou ali, como ele chegou até ali e qual é a função dele naquele espaço. E muitas das vezes eles nos orientam como fazer para preservar aquele espaço em que estamos. Quando tem alguma ameaça, eles incorporam e dizem: ‘olha, o ambiente está sendo agredido, você precisa ver’. E aí a gente vai ver o que pode fazer para proteger aquele território. Cada encantado tem seu encanto. Eles se encantam em forma de animais, como cobra, guaxinim e tamanduá. Se você é uma defensora da natureza, você defende animais. Então quando você desencarnar, o seu espírito automaticamente vai se ligar a essas vertentes de poder que estão auxiliando no cuidado e na preservação desses animais.”

Neste sentido, é possível perceber que a Umbanda, o Candomblé e o Tambor de Mina tem forte influência dos rituais tradicionais de culto aos Orixás e aos Voduns da África, mas o modo como é realizado nos terreiros do Brasil varia de acordo com uma série de aspectos fundamentais, como a língua, vestimentas e região de origem. Por isso, apesar de abordar questões cruciais para o dia a dia das religiões de matrizes africanas, este relatório não tem o objetivo de esgotar o debate sobre o assunto. Existem diferentes maneiras de experimentar a fé dentro de terreiros e as casas de axé sempre serão diferentes entre si. A melhor forma de conhecer um terreiro é se despir dos preconceitos para pisar no chão que ele ocupa, ouvir com atenção as histórias sobre sua origem e aprender os fundamentos com os mais velhos.

## 9. Princípios e ensino sobre a interação e o cuidado com a natureza

Dentro das religiões de matriz africana, os princípios e ensinamentos sobre a interação e o cuidado com a natureza são passados dos mais velhos aos mais novos, através da oralidade, músicas e rituais. Apesar dos terreiros apresentarem variações entre si, 3 pilares da liturgia, isto é, o conjunto de elementos necessários para a prática da religião, são encontrados como ponto comum em todos, a exemplo do culto a entidades (sejam Voduns, Orixás e/ou Encantados), uso de ervas e animais e as oferendas.

Diante disso, abaixo são apresentadas as impressões dos entrevistados sobre os 3 pilares litúrgicos e como estes se relacionam com a natureza.

### 9.1 As entidades

As entidades são espíritos de diferentes “linhas” de trabalho e representam forças naturais, bem como buscam trabalhar questões terrenas. Nos terreiros, eles se apresentam através da incorporação em alguns médiuns. No entanto, não há real incorporação, pois se uma alma abandonasse um corpo, o mesmo morreria. O que existe é um contato entre os chakras do médium e os chakras do espírito e este processo foi adotado como uma forma de permitir que espíritos pudessem se manifestar e ajudar os irmãos que procuram ajuda em um terreiro.

Mesmo com suas peculiaridades e variações, alguns grupos de entidades são bastante conhecidos entre as diferentes tradições de religiões de matrizes africanas. A listagem destes personagens e sua relação com o cuidado com a natureza é dividida entre entidades da Jurema, Orixás e Voduns. Ressalta-se que esta lista apresentada abaixo não contempla todas as entidades e lista de personagens que se apresentam nos terreiros. A intenção é pontuar quais são algumas das principais entidades envolvidas nos cultos e suas características gerais.



## Jurema Sagrada

Entidades	Características gerais	Elementos
Caboclos	São uma linha de trabalho de entidades que se apresentam e representam os povos indígenas. Utilizam linguagens, ervas e ritos inspirados pela ancestralidade indígenas.	Arco e flecha, cocares, maracás, plantas.
Pretos e pretas velhas	São espíritos que se apresentam sob o arquétipo de velhos africanos e baianos que viveram nas senzalas, majoritariamente como escravos e que adoram contar as histórias do tempo do cativo. Ensinam sobre paciência, resiliência, sabedoria frente aos desafios da vida.	Chapéu de palha, bengala, ervas e cachimbo.
Mestres e mestras	Seres encantados que decidiram ficar na linha espiritual próximos dos seres encarnados (vivos) e os ajudam principalmente a sair dos vícios, a encontrar novas formas de enxergar a vida e cultivar o amor próprio.	Chapéu, ervas, bebidas e charutos.
Ciganos e orientais	Seres iluminados que se uniram a Umbanda juremeira para ensinar sobre desprendimento da vida material, a alegria e sobre o essencial da vida para além do "ter".	Elementos com aromas (incenso, chás, ervas, flores), cristais e instrumentos tipo pandeiros, castanholas.

### Culto aos Orixás

Os Orixás são divindades da mitologia africana iorubá que representam elementos da natureza, a sua força e sabedoria.

“Nós cultuamos os elementos da natureza. E quando eu falo no Exu, eu estou cultuando as estradas, os caminhos feitos de barro, terra, ou até dentro do canavial. Quando eu falo de Ogum, o dono da linha de ferro, eu falo dos elementos naturais que criam o ferro e o metal. Quando eu falo de Ossain eu falo do Senhor das matas, o senhor das ervas, das flores e das folhas. Sem folha não tem orixá. Quando falo de Oxum é sobre o rio e a cachoeira. Nós trabalhamos todos os elementos da natureza”  
- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Existem mais de 400 orixás na mitologia iorubá, mas alguns deles se tornaram mais famosos no Brasil, como é o caso de Exu, Oxalá, Ogum, Oxóssi, Yemanjá, Xangô e Iansã. É importante destacar que as religiões de matriz africana dialogam diretamente com os Orixás[1] [2] , no entanto, a grafia do nome pode variar de acordo com o idioma utilizado e a tradição do terreiro. Por exemplo, Oxóssi, na grafia yoruba, seria Ọ̀ṣọ̀ṣí, Ogum seria Ọ̀gún, Iemanjá seria Yemoja, entre outros.

Orixá	Características gerais
Exu e Pombagira	São os orixás da comunicação e da linguagem, assim, atuam como mensageiro entre os seres humanos e as divindades. Considerados donos dos bens materiais e das negociações.
Ogum	Ele é considerado o soldado, guardião, o patrono dos exércitos pois representa a luta e a vitória. Sua personalidade é dura e justiceira, é aquele que vem para executar a Lei.
Oxalá	Representa as energias da criação da Natureza e personifica o céu. Muitas vezes é comparado com Jesus e Deus.
Iemanjá	Orixá das águas salgadas, considerada mãe de outros orixás, quem cuida, protege e orienta.
Oxum	É a rainha da água doce, dona dos rios e cachoeiras. Representa a sabedoria e o poder feminino.
Xangô	Grande rei nagô, orixá da justiça, dos raios, do trovão e do fogo.
Iansã	A única orixá mulher que assume a personalidade guerreira. É a rainha dos ventos e da tempestade.
Oxóssi (Odé)	Representa o conhecimento e as florestas. Considerado o grande rei das matas.
Obaluaê	É o responsável pela terra, pela cura das doenças e pela morte, por causa do seu poder.
Naná	Orixá da sabedoria e dos pântanos. Responsável pelos portais espirituais de entrada (reencarnação) e saída (desencarne).

## Voduns

Na Casa das Minas, o Ser Supremo (ou Deus, na terminologia ocidental) é chamado Avievodum. Como Olodumare (ser supremo dos iorubás), Avievodum está distante e inalcançável, sendo pouco lembrado pelos devotos e não merecendo culto específico: são os voduns, subordinados a Avievodum, as divindades que estão em permanente contato com os seres humanos.

Os voduns [33] são as divindades do povo ewe-fon, que representam forças da natureza e antepassados humanos divinizados. Na Casa das Minas, os voduns masculinos recebem o título "toi" e os voduns femininos o título "nochê". Conforme estudos exaustivos de Sérgio Ferretti, os voduns cultuados na Casa das Minas estão agrupados nas famílias de Davice, Dambirá, Savaluno e Quevioçô.

Família Davice: reúne os voduns da família real do Abomei, no atual Benin. É composta por inúmeros voduns, entre eles:	
Nochê Naê, Mãe Naê	A vodum mais velha e ancestral mítica do clã.
Zomadônu	O dono da Casa das Minas e chefe de uma das linhagens da família de Davice. Rei e pai dos toquéns Toçá e Tocé (gêmeos), Jagoboroçu e Apoji. Filho de Acoicinacaba.
Dadarrô	Chefe da primeira linhagem da família; vodum mais velho da família de Davice. Casado com Naedona e irmão de Acoicinacaba. Tio de Zomadônu. É pai de Sepazim, Doçu, Bedigá, Nanim e Apojevó. Representa o governo e é protetor dos homens de dinheiro.
Família de Savaluno: é uma família de voduns amigos da família de Davice. Não são jeje e são hóspedes na Casa das Minas. É composta por inúmeros voduns, entre eles:	
Zacá (Azacá): vodum caçador.	Vodum caçador.
Agongono	Vodum que se relaciona com os astros; amigo de Zomadônu e pai de Jotim.
Jotim	Filho de Agongono. Toquém.
Família de Dambirá: reúne os voduns da terra, ligados às doenças e às curas. É composta por voduns, dentre eles:	
Acóssi-Sapatá (Acóssi, Acossapatá ou Odan)	Curador e cientista, conhece o remédio para todas as doenças. Ficou doente também por tratar os enfermos. Pai de Lepom, Poliboji, Borutoi, Bogono, Alogué, Boça, Boçucó e dos gêmeos Roeju e Aboju.
Borutoi (Borotoe ou Abatotoe)	Vodum velho. Usa bengala.
Bogono (Bogon ou Bagolo)	Diz-se que se transforma em sapo.
Família de Quevioçô: reúne os voduns considerados nagôs, embora não sejam orixás. Quase todos são mudos para evitar que revelem os segredos dos nagôs ao pessoal da Casa das Minas, onde são hóspedes de Zomadônu. É composta por voduns, entre eles:	
Naná (Naná Biocã, Nanã Bunicu, Nanã Borocô ou Nanã Borotoi)	Diz-se que é de Davice mas auxilia Quevioçô. É a nagô mais velha, a que trouxe os outros.
Naité (Anaité ou Deguesina)	Mulher velha que representa a lua.
Nochê Sobô (Sobô Babadi):	Mãe de todos os voduns de Quevioçô (Badé, Lissá, Loco, Ajanutoi, Averequete e Abê). Representa o raio e o trovão.
Badé (Nenem Quevioçô)	Representa o corisco. Equivale a Xangô entre os nagôs. É mudo e se comunica por sinais.
Loco	Representa o vento e a tempestade.

33 Outras linhas de voduns podem ser encontrados em sites como este:  
<https://ocandomble.com/2011/06/12/os-voduns-de-jeje-mahi/>.

## 9.2 A relação com as ervas e com os animais

O uso de ervas e plantas para tratamento e cura de doenças está presente ao longo da história da humanidade e se mantém até os dias atuais como eficaz fonte terapêutica. Diferentes culturas humanas vêm absorvendo uma variedade de conhecimentos e costumes adquiridos de sua relação com o ambiente em que vivem. No Brasil, a medicina popular é o resultado de uma série de aculturações de técnicas utilizadas pelo português, pelo indígena e pelo negro.

Para os entrevistados, é necessário uma reapropriação do discurso e das vivências desses povos para garantir que o conhecimento tradicional continue sendo repassado entre as gerações. Na opinião deles, o processo de escravidão tornou os conhecimentos e rituais secretos e atualmente precisam ganhar o destaque e notoriedade para fortalecer a discussão sobre comunidades tradicionais e meio ambiente.

“Eu compreendo que, como consequência de todo o processo da própria escravidão, da tentativa de escravidão dos povos indígenas, que não se renderam fácil para o processo, mas que infelizmente alguns acabaram sendo escravizados e gerou o extermínio de diferentes etnias. Isso levou a um afastamento do entendimento macro da ótica interativa desses povos com a natureza. Assim, pessoas de gerações anteriores à nossa aprenderam de forma inadequada a não repassar aquilo que tinham aprendido sobre a natureza por proteção, porque iriam ser perseguidos como bruxos, como pessoas que faziam manipulação negativa de energias. E como resultado disso, o conhecimento de como interagir de forma saudável com a natureza acabou sendo colocado como algo secreto, necessariamente secreto, porque meus antepassados não podiam se expor à sociedade como hoje, por exemplo, a gente tem a possibilidade de fazê-lo.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

“Quando você está em rituais de Jurema, você fala da parte indígena, do caboclo na mata. E aí acontece historicamente o que a gente tá vendo o que é que está acontecendo na Amazônia, nossos irmãos indígenas sendo atacados, muitas aldeias sendo dizimadas e o meio ambiente sendo degradado de uma forma esquisita. E tudo começa a partir disso. Os indígenas têm que sair das suas terras, procuram áreas metropolitanas mas na cidade eles ficam perdidos. Lá não tem pesca, não tem caça e não tem a sabedoria da floresta.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Em se tratando das religiões afro-brasileiras, que cultuam os deuses africanos, assim como valorizam o uso de elementos da natureza, é comum que as plantas sejam utilizadas com fins terapêuticos e como ingrediente essencial para rituais e banhos, sejam rituais de iniciação (batismo) ou em banhos e defumações.

“Dentro da temática da folha, a gente conhece o entendimento fitoterápico, mas além do entendimento fitoterápico, temos o entendimento mágico da manipulação das plantas durante os rituais de iniciação (batismo). Precisamos reconhecer a necessidade que o ser humano tem de estar sempre ligado ao processo natural desde seu nascimento. Porque sim, o processo iniciático para nós, na verdade, é uma tradução, é uma ótica cultural, religiosa, de renascimento e tanto que a gente inclusive até verbaliza isso: a partir de hoje você morre para o mundo material e você ressurge como um indivíduo novo, um indivíduo que comunga e convive com a natureza como parte integrante desse processo, e não apenas como alguém que goza daquilo que ela tem a proporcionar”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Quando utilizada para estes fins de iniciação/batismo/borí, os povos de terreiro acreditam que a pessoa iniciada agrega na sua fisiologia a natureza propriamente dita.

“Algumas pessoas [fora da religião] compreendem que é basicamente um banho, porque a gente verbaliza ‘o banho de folhas’, mas na ótica, a simbologia é muito mais do que apenas um banho para nós. Inclusive, é de fato o sangue da folha que vai passar a ser o meu sangue. Quando a gente macera a planta, quando a gente retira da floresta, da mata, ou seja lá de onde vier, a gente compreende que a gente encerrou a vida, pelo menos daquele daquela porção de ervas que a gente retirou. E naquele momento em que está sacrificando a erva, a gente está sacralizando. Depois do manuseio da planta, o resultado do banho pra nós é o sangue vegetal. Isso também colabora no entendimento da necessidade do sacrifício, dessa vez animal.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Esse é o entendimento teológico do uso da folha cuja compreensão se aplica também ao uso de animais em rituais. Para os entrevistados, os rituais com animais, plantas e os fundamentos religiosos passam pela ideia de ciclos da vida e da natureza.

“Quando eu morrer, eu me tornarei alimento para a natureza. Eu vou ser alimento para uma planta que posteriormente vai ser alimento para um herbívoro, que posteriormente vai ser alimento para um carnívoro e assim sucessivamente. E a maioria das liturgias compartilham desse entendimento. Quando eu faço o uso das ervas, de minérios, de animais, eu estou fazendo a sacralização e o sacrifício ao mesmo tempo.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

“O ato, por exemplo, que é muito comum no terreiro é na segunda feira despachar a quartinha ou o príncipe, para apaziguar o mundo e para apaziguar a gente. Eu pego aquele objeto, jogo a água na rua, no chão. O que é que eu estou fazendo ali? Eu estou

retratando a Terra. Eu estou devolvendo para a Terra um elemento que outrora foi retirado dela e que já me serviu”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Um ponto importante destacado pelos entrevistados é que aquelas plantas e animais utilizados em rituais também são destinados para alimentar a população. Após o sacrifício para fins de rituais, a população se alimenta daquela carne.

Além do uso das ervas nos rituais, banhos e defumações, foi destacado também a sua importância em rezas e benzimentos. O Benzedor, Curador ou simplesmente Rezador é a pessoa que utiliza orações e ervas para levar a cura para pessoas doentes. Por vezes, essa era a única alternativa disponível para as populações mais pobres.

“Nos antigos não existia médico, não existia doutores, isso era para quem morava na cidade grande e tinha dinheiro. Mas na pobreza, quando você adoecia, era levado para um terreiro. O pai de santo era benzedor ou sempre tinha uma tia Maria, uma tia Joaquina que era benzedeira, parteira, curandeira. E aí foi criando essa raiz linda de aprender a folha do que é a erva, pra que serve e como cuidar desse meio ambiente. Porque minha avó sempre dizia que a gente nunca explora a madeira, porque senão a gente vai precisar dela amanhã e aí fica sem a sombra até para ter uma sombra, né? E aí eu aprendi dessa forma.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Por fim, quando questionados sobre os desafios relacionados ao uso de ervas nos terreiros, os entrevistados responderam que o desmatamento e o rápido avanço das cidades são as maiores preocupações. Com a perda de biodiversidade, se torna cada vez mais difícil encontrar ervas específicas para diferentes rituais.

“Todos os nossos movimentos de cura para benzer e para o banho, com ervas, com folhas dependem da natureza e a gente sabe que é difícil encontrar o que precisamos. Estamos perdendo esse contato com a força da natureza. Ela está sendo devastada rapidamente. Hoje para achar uma folha é difícil e longe daqui.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

*“Muitos dos nossos rituais precisam ser realizados em espaços de mata que ainda não foram habitados. Quanto mais puro aquele espaço, melhor. Mas com as cidades avançando rápido, estamos com dificuldade de encontrar um bom lugar de área verde e preservada.”*

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

### 9.3 As oferendas

Além da discussão sobre ervas e plantas apresentada anteriormente, as oferendas também são frequentemente associadas ao cuidado com a natureza.



No entanto, estas não dialogam com o meio ambiente por serem elementos naturais, mas sobretudo porque a depender da forma que são feitas, se tornam resíduos poluentes dos espaços naturais.

“Quando a gente vai levar, por exemplo, o presente a Iemanjá, a gente busca levar materiais que vão beneficiar aquele contexto, aquele bioma. Inclusive na cidade de Xangô, ainda na Nigéria, para Oxum existe o ato num festival onde as pessoas levam oferendas para Oxum no rio e a principal preocupação são os itens do ebó: eles devem ser símbolos que fazem sentido para a liturgia, mas ao mesmo tempo eles devem ser favoráveis aos peixes que vão se alimentar naquele rio. Para eles, ver que os peixes se aproximaram da oferenda significa que a divindade aceitou aquilo que foi oferecido. Logo, quem entregou a oferenda, terá seus pedidos aceitos”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

“A gente ainda precisa conscientizar as pessoas, principalmente quando tem grandes festas como a de Iemanjá, porque muita gente ainda não entendeu que o que levamos para oferendas agride o meio ambiente. Não foi Iemanjá que pediu aquilo, somos nós que gostamos de ofertar, então a gente precisa ver o que é possível de fazer para não poluir o meio ambiente.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.



Para além do valor simbólico e espiritual da oferenda [34], é preciso ter consciência de que embalagens são feitas de materiais poluentes e longe de serem biodegradáveis. Por isso, é necessário redobrar os cuidados com os resíduos que sobram das oferendas no fim das comemorações. Na época das oferendas, os terreiros podem encontrar formas de cuidar da natureza e também incentivar o replantio e o cultivo de plantas, ervas e alimentos, como destacado por Mãe Verônica de Ogum, em uma entrevista recente [35]:

“Depois que tiramos as oferendas do terreiro, levamos para as matas. A energia daquele alimento já encheu nosso espírito de coisa boa, então temos que devolver para a natureza esse presente. Nós sempre enterramos as comidas para criar adubo e plantamos sementes em toda mata que vamos. É uma forma de agradecer. É o que a gente faz pra ajudar a natureza”

De acordo com os entrevistados, as religiões não só fazem uso da natureza, como compreendem que devem devolver a ela condições necessárias para se manter. A dádiva cedida ao filho de santo através de elementos naturais deve ser devolvida em forma de cuidado com o meio ambiente.

---

34 No candomblé, se utiliza a palavra "Ebó" - vem do idioma yorùbá e significa oferenda, sacrifício ou troca de elementos com os Orixás.

35 Agência Jovem de Notícias (2002). Fevereiro de Iemanjá e os cuidados com o meio ambiente. Disponível em: <https://agenciajovem.org/fevereiro-de-iemanja-e-os-cuidados-com-o-meio-ambiente/>

Você vai levar uma obrigação (oferenda), não pode deixar o prato de barro lá. Você pega uma folha da bananeira, folha da carrapateira, forra o chão, deixa ali a oferenda e coloca uma folha em cima para tampar. Deixa lá porque aquela comida vai servir de alimentação para a formiga. Os animais que estão naquela parte vão se alimentar e os que estão na oferenda vão se decompor e vai virar um adubo para as plantas daquela mata. O orixá não quer sujeira, ele quer o conteúdo, aquela oferenda é que vai nos dar força depois”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

A poluição causada pelas oferendas é vista pelos entrevistados como um argumento utilizado pelas pessoas de fora da religião para manter o preconceito e a intolerância. De acordo com eles, as pessoas que veem oferendas poluindo o meio ambiente não conseguem associar aquele ritual a algo bom, justamente porque em sua prática envolve o “dano” aos espaços públicos.

“A gente tem um contexto bem peculiar. Algumas pessoas se intitulam líderes e vão lá nas encruzilhadas fazer oferendas e deixam inúmeros alguidares na rua. Já vi oferenda com mais de 10 alguidar, comida, bebida e animal na rua. E além da poluição visual e ambiental, o dano também é para a percepção que as pessoas têm sobre as nossas religiões. Ninguém vai associar essa prática a algo bom se nós mesmos estamos agredindo o nosso ambiente”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.



Apesar dessa percepção e preocupação das lideranças, é válido ressaltar que a poluição de espaços públicos não é uma prática decorrente somente de religiões de matrizes africanas. Grandes procissões católicas e eventos de outras vertentes também geram uma quantidade de resíduos muitas vezes maior do que a poluição causada por uma oferenda.

Um exemplo é que cerca de 15 toneladas de lixo foram recolhidas nas ruas de Belém em três dias de Círio de Nazaré, em 2021 [36]. Assim, o ponto central dessa argumentação dos entrevistados é que o preconceito existe e pelo fato de oferendas serem práticas expostas a diferentes pessoas, deixar aquele espaço sujo seria mais um motivo para que o ritual seja mal visto pela população.



Fonte: <https://g1.globo.com/>

E quando questionados sobre os desafios relacionados à realização de oferendas, as lideranças mencionaram a poluição como o maior problema. Para eles, às vezes as próprias comunidades que fazem parte dos terreiros não compreendem a dimensão e necessidade de manter uma oferenda sustentável e de manter os espaços limpos.

“Às vezes a gente vai levar uma oferenda e não é obrigado deixar aquele balaio ali e jogar no Rio. Orixá não quer aquele cesto, ele quer o que tem lá dentro, né? É o conteúdo da oferenda que importa. Deixar o vidro, a garrafa pet não é necessário, não pode. E as pessoas que às vezes fazem esse tipo de coisa que vão ser atingidas depois, porque hoje a gente coloca no rio, mas quando for amanhã eu quero ir e não encontro mais o rio limpo”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

---

36 G1 (2021). Cerca de 15 toneladas de lixo são recolhidas nas ruas de Belém em três dias de Círio de Nazaré. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/10/11/cerca-de-15-toneladas-de-lixo-sao-recolhidas-no-fim-de-semana-do-cirio-de-nazare-em-belem.ghtml> .

“São estas entidades que nos orientam com o cuidado com a natureza. No Tambor de Mina a água é sagrada, a pedra é sagrada a folha é sagrada, mas só vai continuar sendo sagrado se a gente continuar cuidado para mantê-lo puro. No dia que for poluído e ameaçado de contaminação, ele deixa de ser sagrado. Eu não posso interferir em um lugar da natureza sem saber se aquela entidade permite.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

“Eu sempre digo pras pessoas que nunca é tarde para mudar de atitudes e adquirir novos hábitos, mas nunca é fácil. No meu terreiro eu consegui ter um espaço para realizar oferendas e nesse lugar a gente usa a oferenda como adubo para compostagem. Nós conseguimos proibir o uso do copo plástico e cada pessoa tem seu copo e garrafa. Mas não é todo terreiro que entende.”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

Assim, com base nos relatos é possível perceber que os 3 pilares fundamentais para as religiões se relacionam diretamente com a natureza, seja na devoção a uma entidade, seja no manuseio de ervas e no entendimento de que os espaços naturais são lugares para entregar oferendas às entidades.

Por outro lado, os maiores desafios em manter os princípios e os fundamentos da religião em diálogo com a natureza é o avanço do desmatamento e a poluição. A dificuldade de encontrar lugares limpos e preservados para realizar rituais, somada a dificuldade em encontrar ervas e plantas necessárias para a rotina das religiões, se destacam como pontos de preocupação entre as lideranças. Ao mesmo tempo, esses temas se relacionam diretamente com a crise climática e acendem um alerta: o avanço desses problemas afetará a manutenção da fé de um povo.

## 10. Exemplos de boas práticas

Durante as entrevistas foi possível perceber que as lideranças já desenvolvem ou desenvolveram alguma atividade de conscientização sobre os cuidados com o meio ambiente dentro dos seus terreiros. Abaixo foram elencados 3 projetos mencionados como boas práticas que podem inspirar novas ideias de atuação da IRI - Brasil.

## 10.1 Encontros formativos nos terreiros sobre espiritualidade e meio ambiente

Duas lideranças entrevistadas, Mãe Verônica (Umbanda Juremeira) e Pai Antônio (Umbanda Omolokô), realizam em seu terreiro encontros frequentes com os seguidores da religião para discutir sobre os fundamentos da espiritualidade e meio ambiente. Esses encontros por vezes são chamados de “mesa de doutrina” ou “mesa branca” e consiste na liderança da casa eleger um tema e discutir sobre ele com seus filhos de santo.

Esses encontros são de caráter interno e por isso não são abertos para a comunidade. Porém, os aprendizados compartilhados entre aquele grupo conseguem extrapolar os limites religiosos. Um exemplo disso foi percebido quando uma criança que frequenta um dos terreiros falou da necessidade de defender a natureza na escola a partir da visão religiosa logo após de ter participado de um encontro formativo. Depois da fala da criança, seu Pai de Santo foi convidado a ir na escola conversar mais com os alunos sobre religião, meio ambiente e intolerância religiosa.

“Eu fiz uma turma para falar sobre meio ambiente e uma das crianças levou a discussão para a escola. Ele chegou lá e explicou quem era a dona do mar, da água, da floresta e foi uma coisa bem interessante ver ele falando disso. Depois eu fui chamado pra escola pra reforçar a relação entre natureza e religião”

- Babalorixá/Yalorixá entrevistado/a.

## 10.2 Palestras e parcerias com escolas e universidades

Dentro da vivência de Pai Tarcísio no Candomblé, um exemplo de projeto que pode ser destacado foi uma parceria que existiu entre seu terreiro e uma universidade em Pernambuco. Na ocasião, as lideranças foram convidadas para mediar conversas e realizar intervenções com alunos sobre os impactos das ações dos povos de terreiro na natureza. As lideranças provocaram a reflexão pontuando como os hábitos nos terreiros podem afetar positivamente ou negativamente a relação com o meio ambiente discutindo formas de realizar oferendas e outros rituais sem ferir a integridade da natureza.



Foto: (Divulgação/Terreiro Ilê Asé Ojisé Olodumaré)



Além do conhecimento sobre ervas ser um fundamento teológico e elemento litúrgico, ele também cumpre um papel social importante na prevenção e tratamento de doenças. Pai Mariano, do Tambor de Mina do Maranhão, compartilhou que seu terreiro hoje doa mudas de plantas medicinais para a comunidade em que vive.

"Uma das minhas irmãs de santo começou um projeto de confecção de roupas, e uma das ações que ela queria implementar era uma oficina de ervas medicinais. Como eu sou filho de Ossain, eu já tinha preparado um canteiro e uma mini horta para plantar e ensinar as pessoas. Então eu decidi ensinar uma lista de 10 folhas que as pessoas do terreiro poderiam usar quando tivessem dor de cabeça, febre, verminoses e outras doenças. Até dendê nós conseguimos para usar o óleo"

Esse projeto que começou em um terreiro se expandiu para outros e hoje se chama "Minha folha, minha cura"[37], coordenado pela Secretaria de Estado da Igualdade Racial (SEIR). É uma das ações do Plano de Desenvolvimento Sustentável para Povos e Comunidades de Matriz Africana e busca aproveitar os conhecimentos das comunidades tradicionais sobre o uso das plantas medicinais e dar visibilidade às tradições ancestrais.

O acervo etnobotânico foi plantado no terreiro de Pai Mariano e contém mudas de plantas medicinais tradicionalmente usadas pelas comunidades de terreiros como medicamentos fitoterápicos e que também apresentam grande valor por serem utilizadas nos rituais e rotina das casas. O projeto está integrado ao Programa Farmácia Viva, que é coordenado pela Secretaria de Estado da Saúde (SES), por meio da Secretaria Adjunta da Política de Atenção Primária e Vigilância em Saúde e tem o apoio da UFMA.

37 Governo do Maranhão (2020). Governo inaugura horto de plantas medicinais em terreiro de matriz africana em São Luís. Disponível em: <https://www3.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=292260>.

## 10.4 Projetos sociais

Cientes de que é comum que a juventude use cada vez mais celulares e se conecte com tecnologia, um dos terreiros decidiu criar um projeto que buscava valorizar as relações sociais dentro do terreiro. Pai Mariano, junto com sua comunidade, decidiu abrir a porta do terreiro aos domingos para receber crianças e adolescentes e realizar brincadeiras e momentos educativos que consistem em relembrar a necessidade de cuidar da natureza e de reconectar a juventude aos espaços verdes.

“Tem muitas brincadeiras que a gente se abraça, que ri junto e gera interação entre as pessoas. Isso tudo para dizer a eles que celular e a tecnologia é importante, mas não é mais importante que se conectar com as pessoas ao seu redor e saber que é preciso se conectar com a natureza também.”

Nesse sentido, uma das atividades que devem ser realizadas envolve a visita a um espaço de mangue com aulas sobre preservação ambiental, uma vez que aquela comunidade alvo do projeto dependia da economia movimentada pela pesca.

“Nós vamos fazer uma caminhada perto do mangue, tirar uma foto do local e 15 dias depois vamos voltar lá. A ideia é que a comunidade entenda que eles mesmo poluem o local que é a fonte de trabalho deles. Tem muitos deles fazendo ações que degradam a área, mas eu queria conscientizar as pessoas de que o mangue é importante para a sociedade.”



Dessa forma, mesmo que o objetivo final do projeto não tenha sido discutir sobre religião, a religião e o espaço religioso se tornaram uma ferramenta capaz de mobilizar pessoas da comunidade e realizar atividades formativas sobre o meio ambiente.

## 11. Recomendações de atuação

Ao compreender a relação dos povos de terreiro com o território, com a natureza e com as entidades, é possível destacar algumas recomendações de estratégias para que a IRI realize atividades junto às comunidades de matrizes africanas. É importante destacar que para que as atividades sejam implementadas de modo satisfatório, a perspectiva dos povos de terreiro devem ser consideradas em todo o processo de criação e implementação delas.

Portanto, uma recomendação geral é que pessoas de terreiro participem de todas as etapas da concepção e execução da estratégia do IRI.

No mais, algumas recomendações de ações são listadas abaixo:

- Fortalecer parcerias inter-religiosas entre povos de terreiro e demais tradições religiosas para que o diálogo seja fortalecido e estratégias de proteção ao meio ambiente sejam criadas e implementadas em diferentes religiões ao mesmo tempo.
- Realizar campanhas de sensibilização sobre a relação das religiões de matrizes africanas e meio ambiente, através do entendimento de que o Orixá é a própria natureza.
- Investir em momentos de capacitação e educação ambiental para garantir um entendimento básico das comunidades de terreiro sobre a necessidade de frear a crise climática.
- Investir em momentos de capacitação, palestras e rodas de diálogo sobre racismo ambiental e povos de terreiro.
- Engajar comunidades de terreiro em campanhas contra o desmatamento, uma vez que as florestas e as matas em áreas urbanas são de fundamental relevância para a realização dos rituais.
- Engajar comunidades de terreiro em campanhas contra a poluição e uso de resíduos plásticos, uma vez que a poluição, principalmente dos rios, é um grande desafio para a realização dos rituais.



- Apoiar parcerias com instituições de ensino e órgãos públicos para que os conhecimentos dos povos de terreiro sejam compartilhados para além do espaço religioso.
- Apoiar projetos sociais que tenham o terreiro como sede para que fortaleça o vínculo entre o terreiro e a comunidade, a fim de reduzir o distanciamento social causado pela intolerância religiosa e o preconceito.
- Investir em atividades lúdicas e culturais dentro dos espaços dos terreiros como ferramenta de conscientização para o cuidado ambiental.
- Elaborar campanhas sobre o uso de ervas e plantas medicinais, para que os conhecimentos tradicionais dos povos de terreiro sejam compartilhados além das fronteiras religiosas.

Com estas recomendações, é esperado que as religiões de matriz africana sejam entendidas como atores relevantes no combate à crise climática e na proteção ao meio ambiente, uma vez que a manutenção da religião depende da natureza. Além disso, as atividades realizadas para fortalecer a imagem e o papel dos terreiros dentro da sociedade tem um papel estratégico também para a redução da intolerância religiosa e do racismo religioso. O combate à crise climática e ao preconceito passa pelo acesso à informação e pela implementação de ações que sensibilizem a população e alterem hábitos no curto e médio prazo.